



## Guerra e Paz

Miguel Monjardino

miguelmonjardino@gmail.com



### A TENAZ ESTRATÉGICA

O recente acordo entre Washington e Madrid para o estacionamento de uma força de reação rápida de fuzileiros na base espanhola de Mórón de la Frontera mostra a fragilidade da atual posição estratégica portuguesa.

Os números e os meios mostram uma unidade militar dos EUA com capacidade para reagir rapidamente numa situação de emergência e projetar poder a grande distância no norte e oeste de África. Washington terá agora mais opções militares.

O significado político deste acordo entre Espanha e os EUA é digno de nota. Como Bernardo Pires de Lima escreve no indispensável livro "A Cimeira das Lajes. Portugal, Espanha e a Guerra do Iraque" (Lisboa: Tinta da China, 2013), "Aznar advogava para a Espanha uma ultrapassagem na ligação peninsular a Washington. Não à custa da relação com Portugal, que sabiamente cultivou — sobretudo com António Guterres —, mas através da ligação a Portugal."

Zapatero distanciou-se inicialmente de Washington. Mas no final do seu mandato em 2011, fez uma opção estratégica — apoiou o programa de defesa antimíssil norte-americano na Europa. A parte naval deste sofisticado programa militar ficou colocada na base de Rota no sul de Espanha. Esta base é agora indispensável para o tráfego aéreo norte-americano que usa a rota central para atravessar o Atlântico. A chegada dos fuzileiros a Mórón durante esta semana confirma apenas a crescente importância estratégica de Madrid para Washington no sul da Europa, Mediterrâneo, norte de África e Atlântico.

Onde é que isto deixa Lisboa? Acho que numa situação bastante delicada. Por um lado, Berlim é agora dominante na zona euro e as regras da união monetária tornaram obsoleto praticamente todo o modelo económico nacional. Por outro, Washington está a repensar a sua estratégia nacional e a fazer opções. E aqui a aposta em Madrid é clara. Lisboa é uma capital secundária no eixo Casa Branca-Departamento de Estado-Pentágono.

O percurso que seguimos e as visões e as escolhas dos nossos aliados deixam-nos literalmente no meio de uma tenaz estratégica. Como é que aumentamos a nossa liberdade de ação?